

Nelson Carvalho admite “ligeiro aumento” no consumo de drogas sintéticas na Madeira e pede maior agilização e celeridade de Bruxelas no sentido de se proibir a venda das novas substâncias alucinogénias que vão surgindo no mercado europeu: Foram identificadas 800 nos últimos nove anos

O encerramento das smartshops na Madeira afastou as perigosas substâncias psicotrópicas dos mais jovens, mas está longe de resolver o problema do tráfico e da toxicod dependência. As portas que se fecharam nas ruas do Funchal abriram-se na Internet e não faltam expositores virtuais com as novas drogas sintéticas, vendidas ‘on-line’ como se fossem rebuçados. A redução da frequência dos voos e o aperto do controlo nos aeroportos estão a levar os traficantes a apostar nas encomendas por correio para fazer o produto chegar à Região, trocando as voltas às autoridades. O director da Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências (UCAD) da Madeira admite que o confinamento originou um aumento do consumo destas substâncias e que há também mais doentes com patologias associadas a dar entrada nas urgências. Uma tese corroborada pela PSP que nota os toxicod dependentes “mais agitados e agressivos, aparentando delírios ou alucinações”.

A medida de proibição da venda das novas substâncias psicóticas, pioneira na Madeira, teve o mérito de impedir a venda generalizada em estabelecimentos de porta aberta ao público e de fácil acesso aos mais jovens. Mas o problema está longe de ser resolvido. Substâncias como a mefedrona ‘emprestam’ a matéria-prima que serve de base ao perigoso ‘cocktail’ químico fabricado clandestinamente para produzir novas estruturas moleculares que são adicionadas a estupefacientes como a cocaína, a heroína ou o ecstasy com o intuito de atribuir-lhes o provisó-

rio rótulo de drogas ‘legais’ e de finitar a cada vez mais longa lista de drogas proibidas na Europa e em Portugal.

Esse tem sido o fio condutor das redes do narcotráfico que prosperaram mundialmente com o negócio das novas drogas sintéticas e que continuam a alimentar vícios na Madeira, servindo-se das portas virtuais que abundam na Internet e que fazem chegar às ilhas os produtos disfarçados com rótulos de fertilizantes através dos diversos meios de distribuição, dissimulando-as entre as encomendas que chegam por correio.

Embora a esmagadora maioria escape ao radar das autoridades, há excepções. Na última semana, a PSP apreendeu mais de 2 quilos de mefedrona, no decurso de buscas domiciliárias, vindo a deter um homem de 45 anos, residente no Funchal. Já em Março último, no início da pandemia, a PSP tinha apreendido mais de mil doses em Santa Maria Maior.

A mefedrona tem sido utilizada para a produção do estupefaciente vulgarmente designado por ‘Bloom’, o maldito pó branco cristalino cujos efeitos nefastos são bem conhecidos dos madeirenses, já familiarizados com os relatos da degradação humana - que em tempos lotou as camas

“SÃO DROGAS PERIGOSÍSSIMAS PARA A SAÚDE MENTAL”, ALERTA NELSON CARVALHO

do internamento das Casas de Saúde, provocando 4 mortes - e que cada vez mais se torna visível nas ruas do Funchal, através da aparição de um ou outro indivíduo alucinado, a deambular na rua e a atirar ao ar palavras imperceptíveis contra figuras imaginárias.

“Aumento ligeiro com o confinamento”

“A informação que nós temos é que, com o confinamento, houve um aumento ligeiro no consumo das novas substâncias psicoactivas”, confirma Nelson Carvalho, director da Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências (UCAD) na Madeira. Uma percepção que é partilhada pelos psiquiatras com que trabalha e que também notam um aumento de doentes que dão entrada na urgência hospitalar com patologias associadas ao consumo.

O fenómeno está muito confinado aos toxicod dependentes, nomeadamente os heroínómanos que vão alternando com estas novas substâncias psicoactivas, mais baratas do que a heroína que escasseou no mercado devido ao encerramento dos aeroportos, à redução da frequência dos voos e ao aperto no controlo alfandegário e fronteiriço devido à pandemia.

A idade média de internamento, na Casa de Saúde São João de Deus, de pacientes consumidores de ‘bloom’ anda à volta dos 36 anos. “Felizmente são substâncias que não são muito atractivas para os mais jovens”, observa Nelson Carvalho, que destaca o trabalho multidisciplinar de prevenção e das campanhas de sensibilização

que têm sido amplamente divulgadas.

“Comorbilidade psiquiátrica associada” preocupa

“Isto são drogas altamente potentes e perigosíssimas para a própria saúde mental, porque grande parte destes indivíduos tem comorbilidade psiquiátrica, ou seja, ficam todos com doença psiquiátrica associada após o consumo que, a se manter, vai provocando episódios psicóticos em muitos deles que se traduzem em alucinações e delírios”, alerta o psicólogo. Após o diagnóstico psiquiátrico, alguns são medicados e outros internados na casa de saúde para reverter os quadros clínicos.

“No entanto, alguma parte desses doentes começa a ter comorbilidade psiquiátrica associada, o que é ainda mais preocupante”, acrescentou.

“A UE tem de agilizar rapidamente directivas mais céleres”

O director da UCAD nota que há um hiato que tem de ser resolvido pela União Europeia. Entre 2000 e 2019, foram identificadas 799 novas substâncias psicoactivas pelo Observatório Europeu da Droga e da Toxicoddependência. “Entretanto a estrutura química e os efeitos biológicos são semelhantes às drogas que estão na tabela 1 e 2 do Decreto-lei 15/93 (estupefacientes e psicotrópicos) como a cocaína o ecstasy, a cocaína, os ácidos, e isto foi uma forma encapotada que os traficantes foram arranjando para introduzir droga no mercado”.

Entende que “a União Europeia tem de agilizar rapidamente directivas mais céleres”. E exemplifica: “Foram precisos 5 anos para que fosse criada uma directiva comunitária a proibir a 4-metil-catinona, que é a estrutura molecular da mephedrona. Quando foi proibida já existiam outras substâncias com estruturas moleculares semelhantes - mas diferente daquela - e que por via disso já passaram a ser automaticamente legais”. Pelo simples facto de não constar na tabela nacional de drogas proibidas.

Isto para dizer que embora a comunidade científica e as autoridades judiciais e policiais conheçam os efeitos devastadores para a saúde insiste-se em aguardar pela detecção das novas drogas, pela inscrição no anexo da legislação comunitária e posterior adaptação das normas aos regimes internos dos estados-membros. Neste espaço de tempo, os laboratórios clandestinos de exploração do narcotráfico de substâncias psicóticas vão fabricando novos

‘cocktails’, as redes vão lucrando e os toxicoddependentes definhando.

A Madeira até foi pioneira na proibição das chamadas ‘smartshops’, ordenando o encerramento em 2012. Foi um passo importante, mas não uma solução em si. O fecho das smartshops foi fruto do trabalho de um grupo de várias entidades que ainda hoje se mantém - ARAE, PSP, PJ, MP, SESARAM, IASAÚDE - através da UCAD e do Gabinete do Secretário Regional da Saúde e Protecção Civil. “Isto era o que a Madeira podia em termos das suas competências autonómicas e legislativas, porque quem devia dar também esse passo era a Assembleia da República e criminalizar. Se a UE não faz alguma coisa, o país como soberano que é, tem de fazer alguma coisa”, alerta Nelson Carvalho.

“Acho que era uma questão de criminalizar estas drogas, para à semelhança da cocaína, da heroína, dar mais ferramentas às polícias e aos tribunais para combater mais eficazmente esta situação e proteger os cidadãos em geral”, analisa o psicólogo.

“Isto é inconcebível” É preciso fazer alguma coisa!”

“Não podemos é estar aqui a assistir a este tráfico de substâncias altamente prejudiciais à saúde e são consideradas contra-ordenações”. E exemplificou: “Se um indivíduo é apanhado com algumas doses de cocaína é um traficante, um criminoso, mas se for apanhado com um quilo ou dois de alpha-php (droga sintética, estimulante, da família da catinona) é uma contra-ordenação que leva no máximo e não lhe acontece mais nada. Isto é inconcebível! É fundamental fazer alguma coisa.”

Uma situação que acaba por ser um ‘estimulante’ ao narcotráfico que se alimenta da venda destas substâncias mais baratas e mais potentes do que as convencionais que lhe emprestam a base molecular (cocaína, heroína ou anfetaminas) mas que provocam danos severos ao nível do sistema hepáticos, cardíaco e cerebral, com consequências imediatas ao nível da saúde mental.

Fecham-se as portas físicas das lojas smartshops e abrem-se as virtuais no mundo sem fronteiras, e por vezes sem controlo, da internet. “Nós sabíamos que isto ia acontecer, mas era fundamental em 2012, acabar com acesso fácil àquelas substâncias. Qualquer pessoa podia chegar àquelas lojas e comprar, ainda por cima sob uma forma errada e

ilusória, como se fossem fertilizantes, incensos e chás quando estávamos a falar de drogas e era urgente legislar sobre essa matéria. Foi esse o grande objectivo”.

Depois em 2017 a ALM volta a rever a lei em que distingue tráfico de consumo para dar mais algumas ferramentas às polícias e aos tribunais. “Só que estamos sempre na esfera contra-ordenacional porque a Madeira não tem ferramentas para mais”. Lamenta que nesta lenta caça às drogas, haja “pessoas a morrer, a ficar psicóticas, criminosas, as famílias também a sofrer” devido à “muita burocracia envolvida que tem de ser agilizada e desbloqueada rapidamente”.

FORAM PRECISOS CINCO ANOS PARA SURGIR UMA DIRECTIVA A PROIBIR A 4-METIL-CATINONA



“Continua o comércio ilegal de algumas dessas substâncias”

A PSP tem feito, nos últimos dias, apreensões na Madeira de produtos compostos por drogas sintéticas com base na mefedrona. O encerramento das smartshops na Madeira não resolveu o problema das substâncias psicotrópicas? O encerramento das smartshops na Madeira resolveu a questão relacionada com a comercialização de substâncias psicoactivas em estabelecimentos comerciais, tendo naquela altura diminuído de sobremaneira o consumo deste tipo de

substâncias. No entanto, continua o comércio ilegal de algumas dessas substâncias.

Os traficantes estão a reinventar os circuitos de introdução destas drogas na Região? Como é natural, os traficantes procuram sempre novas formas de tentar iludir os controlos policiais ou alfandegários.

A pandemia está a provocar o aumento da oferta de estupefacientes desta natureza? Não há dados que permitam afirmar ou infirmar tal facto.

O Comando da PSP nota um aumento de toxicod dependentes deste género de drogas? Sempre tem havido na Região consumidores deste tipo de substâncias que alternam, ou não, com o consumo de drogas mais comuns.

O Comando da PSP nota um aumento de distúrbios associados ao consumo deste tipo de drogas na comunidade? Atendendo aos efeitos altamente nefastos provocados pelo consumo deste tipo de drogas sintéticas aos seus consumi-



A PSP apreendeu mais de 2 quilos de mefedrona só neste mês na Madeira.

dores, a PSP tem lidado com algumas situações em que os consumidores destas substâncias se encontram mais agitados e agressivos, aparentando delírios ou alucinações.

De que forma a população pode auxiliar a PSP na detecção ou combate a este tipo de ilícito? A população madeirense poderá auxiliar a PSP no combate a este flagelo denunciando as ocorrências de que tenha conhecimento, fornecendo todos os dados disponíveis

acerca de potenciais locais de venda e consumo deste tipo de substâncias, bem como potenciais informações sobre os presumíveis vendedores, de forma a exercermos um combate eficaz e assertivo ao consumo e venda destas substâncias psicoactivas que criam dependências nos seus consumidores e concomitantemente provocam enormes danos à sua saúde física e mental, tratando-se assim de um problema de saúde pública.

RICARDO DUARTE FREITAS
rfreitas@dnoticias.pt

In “Diário de Notícias”